

DA CAVERNA À SALA-CELA, ATRAVÉS DO ARCO DOS FALSOS TRIUNFOS

Maria José de Oliveira Nascimento¹

Para a experiência ter valor e significado educacional, o indivíduo deve experimentar desenvolvendo a habilidade de lidar inteligentemente com problemas que ele inevitavelmente encontrará no mundo.
Elliot Eisner

“Da caverna à sala-cela” e “Arco dos Falsos Triunfos” são os títulos das instalações artísticas produzidas pelos alunos dos segundos anos dos cursos integrados em Eletroeletrônica e em Mecânica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, *campus* Bragança Paulista (BRA-IFSP). O trabalho desenvolveu-se ao longo de 2014, na disciplina Artes, a partir de debates sobre a produção cultural e suas implicações na sociedade. O foco era a História da Arte com interfaces e reflexões sobre o cotidiano e a contemporaneidade. Nesse viés, lancei mão de viagens culturais, filmes, debates e produção artística.

Refletindo sobre a Pré-História² e Antiguidade, assim denominadas pelos historiadores, relações foram feitas e as comparações com nossas “cavernas urbanas”, violência e abuso de poder, foram inevitáveis. Copa do Mundo de Futebol, denúncias de corrupção e eleições para presidente do Brasil vieram à tona nos debates. Além disso, foi despertado neles o desejo de experimentar a pintura com elementos naturais, como a terra por exemplo, pintar usando as próprias mãos e também o grafite, linguagem artística contemporânea, porém com ligações muito próximas às inscrições rupestres e manifestações primordiais de comunicação e expressão.

Assistimos ainda ao documentário “*Surplus: aterrorizados pelo Consumo*”³ e no debate muitas questões chamaram a atenção, dentre as quais as relações virtuais e/ou com bonecos infláveis e o consumo exacerbado produzindo lixo capaz de cobrir o planeta que, juntamente com textos de Filosofia, Sociologia e Geografia, debatidos pelos professores das referidas disciplinas, apimentaram as discussões. Outras questões, como o público e o privado, tiveram destaque e nos fizeram olhar para a pilha de cadeiras e carteiras quebradas ocupando o corredor da escola.

Nesse contexto, discutimos as tecnologias criadas pelo ser humano nos diferentes momentos históricos, incluindo as utilizadas na criação dos desenhos e pinturas rupestres e nas construções megalíticas e greco-romanas.

Assim, para dar visibilidade ao conteúdo desenvolvido e experimentar novos materiais, os alunos criaram duas instalações artísticas que dialogavam e interagiam. Pesquisaram sobre o arco do triunfo, a política do “pão e do circo” no Império Romano e optaram por construir um arco, porém dos “falsos triunfos”. Neste, desenharam e colocaram imagens que julgaram representar nossa sociedade: desigualdade, corrupção, violência e manipulação da mídia, entre

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Bragança Paulista, SP, Brasil. E-mail: zezeoliveira@ifsp.edu.br.

² Embora discordando da nomenclatura, é dessa forma que encontramos a periodicidade nos livros e que está posto em nossa cultura ocidental e europeia, para quem a História existe a partir da escrita.

³ “Longe de ser apenas uma crítica ao consumismo ou a sistemas políticos, **Surplus**, documentário sueco, dirigido pelo italiano Erik Gandini em 2003, é um olhar sobre o jeito de ser e de viver da humanidade. Largamente divulgado pela Internet, este trabalho coloca em discussão não apenas a vida em sociedade e a ordem estabelecida, como também a própria essência humana”. Por Helena Novais, em 12/10/2008. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/critica/surplus/1453>>. Acesso em: 16 Jul 2015.

outras. O desenho do aluno Lucas S., intitulado “*Pane et circus*”, chama a atenção pela síntese e conteúdo.

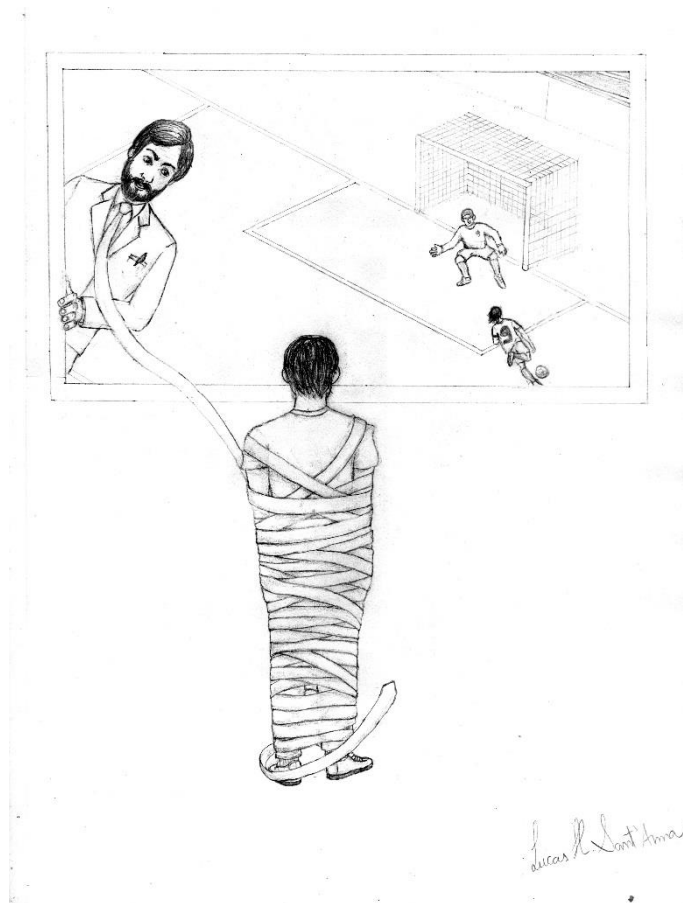


Figura 01: *Pane et circus* - Lucas Santana. Arquivo pessoal.

A passagem pelo arco se dava através de uma cortina de “*tsurus*”⁴ feita por duas alunas de origem oriental que ensinaram outros alunos interessados, que contribuíram na confecção dos pássaros. A presença da mesma deu-se pela reflexão feita sobre as culturas oriental e ocidental, cuja reverência têm sentidos bastante diferentes. No ocidente, ao passar pelo arco do triunfo, reverenciava-se o imperador que o mandara construir, enquanto que no oriente, especificamente no Japão, a cortina que fica a um terço da porta de entrada da cozinha, além da função higiênica, uma vez que a cabeça passa pela abertura deixando ali impurezas que poderiam contaminar a comida, é também uma forma de reverenciar o alimento, já que é preciso curvar-se ligeiramente para atravessá-la.

Outro texto que ajudou nessa reflexão foi a leitura feita por mim, enquanto esperava por consulta médica, de uma nota de viagem que partilhei com as turmas. Era o comentário de um casal em viagem de férias pelo Japão e narravam a experiência de conhecer a zona rural. Nas estradas entre as propriedades haviam bancas de venda de frutas e outros produtos da região, porém não havia ninguém para entregar os produtos nem receber pelos mesmos, mas em todas elas havia uma caixa de laca⁵ com dinheiro para o troco, próprio da cultura japonesa na qual o comprador pega os produtos e paga.

⁴ Ave sagrada do Japão que simboliza saúde, felicidade, longevidade, feita em origami, técnica japonesa em dobraduras de papel.

⁵ Técnica de pintura sobre madeira deixando a superfície colorida, lisa e brilhante.

Essa narrativa nos fez sonhar com um país com muitas caixas de laca e honestidade. Lembraram-se também da atitude dos japoneses que participaram da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, que ao final de um dos jogos recolheram o lixo deixado pelos torcedores na arquibancada. Foi um momento da aula que eu poderia chamar de mágico, de sensibilidade e sonhos de um país melhor, em meio a tantas notícias de corrupção em todos os setores da sociedade. Foi nessa aula que surgiu a ideia do Arco e o desejo de mostrarem sua indignação com tudo que estava acontecendo na época.

Assim, decidimos juntos como seria a instalação e que usaríamos apenas materiais reciclados. O arco foi construído com isopor de embalagem de maquinário de grande porte da indústria onde o pai de uma das alunas trabalha. Foi recoberto com papel craft que sobrou de outro evento na instituição e o restante da instalação aproveitando jornais e caixas de papelão.

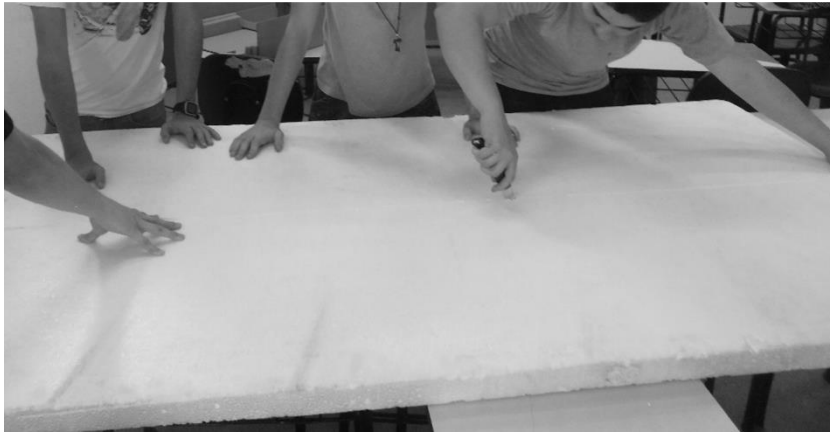


Figura 02: Construindo o Arco. Arquivo pessoal.



Figura 03: recobrimo a estrutura. Arquivo pessoal.



Figura 04: "Arco dos Falsos Triunfos". Ao fundo, a "Caverna". Arquivo pessoal.



Figura 05: Detalhe da coluna do Arco. Arquivo pessoal.



Figura 06: Montagem. Arquivo pessoal.

Através do arco chegava-se à instalação “Da caverna à sala-cela” montada no mesmo corredor, aproveitando-se as carteiras e cadeiras quebradas e servindo de suporte para o teto. Este, por sua vez, lembrava as paredes de uma caverna pré-histórica, mas também os prédios e muros pichados e/ou grafitados de nossas cidades. Imagens de bisão e outros animais se misturam a skatistas e símbolos contemporâneos. Tanto o teto quanto as paredes foram confeccionados em jornal e recobertos por uma mistura de cola e terra e sobre estes, os alunos desenharam com carvão, tinta guache e spray para grafiteagem.



Figura 07: Confeção dos painéis e paredes. Arquivo pessoal



Figura 08: Detalhe dos desenhos. Arquivo pessoal.



Figura 09: Detalhe do teto. Arquivo pessoal.



Figura 10: Pintando com as mãos. Arquivo pessoal.



Figura 11: Pintando com terra. Arquivo pessoal.



Figura 12: Grafitando. Arquivo pessoal.



Figura 13: Desenhando e pintando sobre os painéis/paredes. Arquivo pessoal.

Durante a elaboração dos painéis que se transformaram em teto e paredes da “caverna”, conversamos sobre “A caverna” de Saramago e sobre a “A caverna” de Platão, com cujo texto tiveram contato através das aulas de Filosofia. Deste, retiraram o seguinte fragmento: “Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros. São iguais a nós.” (PLATÃO, 1965, p. 105). Este foi colado na parede do corredor que dava acesso à sala na qual finalizavam a instalação.



Figura 14: Montagem da parede e do teto. Arquivo pessoal.

Na parede lateral, onde se encontravam as cadeiras e carteiras com numeração patrimonial, foram afixadas frases, criadas por eles, e números fazendo referência à violência urbana e ao descaso para com o patrimônio público.



Figura 15: Parede de carteiras quebradas e frases criadas pelos alunos. Arquivo pessoal.

Na continuidade, esta parede torna-se uma sala com grades, também confeccionadas em jornal, que lembram prisão, com um fragmento da música *Revanche*: “[...] A favela é a nova senzala, correntes da velha tribo. E a sala é a nova cela, prisioneiros nas grades do vídeo”. (LOBÃO, 1986).



Figura 16: Nossas “cavernas” contemporâneas. Arquivo pessoal.

A partir desse ponto, o observador era dirigido para o final da instalação que apresentava a reflexão relacionada ao uso excessivo e obsessivo das tecnologias, especialmente as de uso pessoal. Nesse espaço, observa-se uma pessoa cuja cabeça está ausente e seu corpo ligado, por um fio, a um monitor de computador. Em um biombo lateral, o seguinte texto:

As tecnologias ligadas à internet/informática prometiam aproximar pessoas. Não foi bem isso que ocorreu. As relações interpessoais se dão mais virtualmente, isolando as pessoas em seus pequenos mundos, repletos de informações globalizadas e solidão. (Alunos de Eletroeletrônica, 2014).



Figura 17: A Sala-cela. Arquivo pessoal.

Impossível não refletir sobre a potência da arte e a potencialidade de nossos alunos, muitas vezes desperdiçadas no cotidiano escolar, em reproduções infrutíferas de obras de arte, sob a justificativa de releitura, e no descaso com que a arte e o ensino de arte, em geral, são tratados em nossas instituições de ensino. Muitas vezes, as aulas de arte são ministradas por profissionais sem nenhuma formação na área, o que contribui para esse quadro crônico de deformação, desinformação e desinteresse.

Foi um trabalho coletivo e rico que provocou mudanças de atitudes em relação ao patrimônio público, maior interação e consciência social e ambiental. Foi possível observar

melhora no cotidiano e na convivência dos alunos. Resultado constatado ainda nas respostas da avaliação bimestral, das quais selecionei algumas. Embora com certa dificuldade na redação, apontam a predominância de determinada rede de informações e também o nível de consciência em relação às questões políticas e sociais do país. A questão era: O que foi a “política do pão e do circo” utilizada pelos imperadores romanos? Qual a relação desta com a sociedade brasileira? Qual nosso papel enquanto cidadãos?

Seria a ideia de satisfazer a população oferecendo o entretenimento e o alimento e controlavam a sociedade. A semelhança aos dias de hoje está ligada ao entretenimento proporcionado pela televisão que nos deixa vidrados naquilo, enquanto quem está no poder tem o controle sobre nós. Assim, não temos mais o “direito de escolha”, pois somos todos influenciados pelas redes de televisão e, ao invés de termos crítica, argumentos e expressões próprias, temos as mesmas críticas e expressões que a mídia nos mostra. (VINÍCIUS, 2014)

[...] Na sociedade brasileira não é muito diferente, em Roma eram lutas de gladiadores e no Brasil é o futebol, o carnaval e o Big Brother que alienam e tiram a atenção da crise política. (RAPHAELLA, 2014)

[...] era uma forma de calar o povo e evitar revoluções. Os governantes propunham eventos para a diversão da população e comida de graça, para que assim não reclamassem dos altos impostos e exploração a que eram submetidos. [...] Essa política está muito presente nos dias de hoje, onde são feitos eventos para que o povo esqueça de todas as coisas ruins que acontecem [...] A programação da TV aberta também marca bastante esse ponto, pois o conteúdo disponibilizado está longe de fazer as pessoas pensarem, refletirem se conscientizarem. As pessoas devem entender que não devem confiar no que lhes é mostrado e lutar sim, pelos direitos, mas também fazerem seus deveres enquanto cidadãos. (LETICIA, 2014)

Outros desdobramentos foram a premiação na IV BRAGANTEC, feira de ciência e tecnologia filiada a FEBRACE, Feira Brasileira de Ciência e Engenharia, além de Projetos de Extensão com reaproveitamento de materiais, por um grupo de três alunas do curso Integrado em Mecânica, cuja projeto intitulado “Sustentabilidade e convivência: puf de garrafas pet” rendeu premiação e classificação para Mostra Paulista de Engenharia - MOP.

Revedo o processo, enquanto escrevo, recordo-me do mestre Paulo Freire (1996, p. 30) questionando-nos e afirmando que não podemos estar “demasiado certos de nossas certezas”. Mas, com certeza, conhecimentos novos foram construídos e sentidos outros produzidos e transformados, tanto aos educandos quanto à educadora, o que faz referência à do-discência postulada pelo mesmo autor, cujo conceito explicita a imbricada relação docência-discência, sendo que uma inexistente sem a outra. E é nesta relação que se configura o que podem corpos em sua inteireza quando, coletivamente, produzem novos saberes, independentemente da linguagem utilizada.

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do Processo. [...]. Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os

saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1996, p. 29, 33 e 34)

Nas atividades descritas, as reflexões, os conteúdos desenvolvidos e a ideia, ganharam forma e visibilidade através da linguagem visual, possível em sua elaboração porque veio se sistematizando, vivenciando e se construindo ao longo de dois anos de trabalho intenso, reflexivo e coletivo, também em outras linguagens, dando aos educandos a possibilidade de optar por aquela na qual conseguem expressar melhor seus questionamentos e ideias. Vale recordar que arte é forma, conteúdo e intencionalidade (Arnheim, 1990; Gullar, 1998).

Referências

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Editora Pioneira, 1984.

EISNER, Elliot. Estrutura e mágica no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação**: leitura no subsolo. São Paulo, Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GULLAR, Ferreira. **Argumentação contra a morte da Arte**. 5. ed. São Paulo: Revan, 1997.

PLATÃO. **A República**. Coleção Clássicos Garnier. Vol. II. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.